

ESCÂNDALO SEM CULPADOS

Relatório será apresentado hoje. Ex-CEO diz que acionistas conheciam situação da empresa



Crise da varejista. A Americanas pediu recuperação judicial em 19 de janeiro, depois de anunciar inconsistências contábeis no valor de R\$ 20 bilhões no balanço de 2022 e anos anteriores

VICTÓRIA ABEL, RAPHAEL DI CUNTO*, MARCELO RIBEIRO* E BRUNO ROSA brunoro@oglobo.com.br

Depois de quase quatro meses de trabalho, o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Americanas, na Câmara dos Deputados, surpreendeu por não apontar qualquer culpado pela fraude bilionária na varejista. Embora tenha citado a palavra "fraude" 333 vezes e classificado o caso como "um dos maiores escândalos contábeis já vivenciados em nosso cenário corporativo", o relator, deputado Carlos Chiodini (MDB-SC), alegou que não foi possível "identificar" de forma precisa quem foram os autores dos prováveis crimes.

Enquanto isso, o ex-CEO da Americanas, Miguel Gutierrez, enviou à CPI uma carta em que acusa os acionistas de referência da companhia — o trio Jorge Paulo Lemann, Carlos Alberto Sicupira e Marcel Telles — de participarem ativamente da gestão financeira da empresa. O texto, antecipado pelo Valor, foi enviado por seus advogados à comissão em 31 de agosto.

"Metornei conveniente 'bode expiatório' para ser sacrificado em nome da proteção de figuras notórias e poderosas do capitalismo brasileiro", afirma ele no documento.

A Americanas pediu recuperação judicial em janeiro, após anunciar inconsistências contábeis no valor de R\$ 20 bilhões no balanço de 2022 e anos anteriores.

DIFICULDADE FINANCEIRA

Gutierrez é um dos principais envolvidos na fraude contábil na Americanas. Ele comandou a Lojas Americanas por duas décadas e ficou à frente da fusão da companhia resultante da fusão entre as lojas físicas e a B2W, controladora do Submarino. Foi substituído em janeiro deste ano por Sérgio Rial — executivo que deixou a empresa nove dias depois de zender descoberto as inconsistências contábeis.

Gutierrez era esperado para depor na CPI em 1º de agosto, mas não compareceu. Ele está na Espanha, em tratamento médico, e pediu para ser ouvido por videoconferência, mas teve a solicitação negada.

Na carta de 17 páginas enviada à CPI, Gutierrez afirma que, após a fusão da Americanas com a B2W, teve papel "mais estratégico" e não atuava em todas as áreas, que tinham

departamentos autônomos: "Como é notório, e como consta inclusive do famoso livro que conta a sua trajetória empresarial, o 3G (acionistas de referência) participa ativamente da gestão das empresas de seu portfólio e controla rigorosamente suas finanças".

Gutierrez defendeu que não sabia de "problema contábil" na companhia, mas que a empresa enfrentava uma gravíssima dificuldade financeira e que precisaria de novo aporte de seus acionistas em 2023 para se manter operando. Além disso, culpa um ataque cibernético em fevereiro de 2022 e o aumento dos juros na economia por uma queda das vendas em todo o primeiro semestre daquele ano.

A empresa saiu de um caixa

líquido de R\$ 3,5 bilhões no terceiro trimestre de 2021 para uma dívida líquida de R\$ 5,3 bilhões em setembro de 2022, "a maior de sua história".

PLENAMENTE CONHECIDO*

No texto, Gutierrez afirma que a B2W precisou de cinco ampliações de capital entre 2006 e 2020. E acusa o conselho de administração de saber de todo esse cenário e de participar de quase todas as decisões que levaram à queima do caixa. "Todos esses indicadores não deixavam dúvida, então, sobre a iminente necessidade de novos aportes, para assegurar as atividades da companhia já em 2023", disse.

Gutierrez afirma que o problema financeiro "era plenamente conhecido" pelo conselho de administração, pelo comitê financeiro e pelos acionistas controladores, "bem como pelo Sr. Sérgio Rial, a despeito de ele ter negado esse fato em seu depoimento à CPI", e que ouviu de Rial que os acionistas não tinham interesse em aportar novos recursos e nem buscar novos investidores porque isso "poderia causar uma diluição relevante de sua participação".

Em reportagem do Estado de S. Paulo com base no processo que o Bradesco move sobre o que houve na Americanas, Gutierrez apresentou defesa de teor semelhante, em que busca responsabilizar os acionistas de referência da varejista.

Em nota, a LTS Investments, holding que administra as participações do trio de bilionários em empresas, afirma que as palavras de Gutierrez quase oito meses após a divulgação de inconsistências contábeis na Americanas não trazem qualquer prova de suas alegações nem refutam evidências de sua participação na fraude.

No texto, acrescentam que nenhuma prova apresentada desde o dia 17 de maio, Chiodini afirmou que o prazo da CPI foi insuficiente para chegar a esse tipo de conclusão e que seriam necessárias "outras diligências e coleta de elementos de prova mais robustos".

O deputado destacou que as investigações no âmbito judicial, pela Polícia Federal e pelo Ministério Público Federal, estão em uma etapa investigativa mais madura e, mesmo assim, não apresentaram convicções assertivas.

O relatório sugere a tramitação de um projeto de lei para criminalizar executivos que sejam acusados de fraudes, assim como responsabilizar acionistas e auditores independentes. (*Do Valor)



Miguel Gutierrez. "Metornei conveniente 'bode expiatório'"

ACRISE EM 5 PASSOS

1 Americanas revela 'inconsistência contábil'

No dia 11 de janeiro, poucos dias após o então CEO Sérgio Rial assumir o comando da varejista, a empresa anunciou ao mercado ter encontrado "inconsistências contábeis" nos balanços de 2022 e anos anteriores, que somavam R\$20 bilhões.

2 Empresa pede recuperação judicial

A revelação causa uma reviravolta na empresa. As ações da companhia chegam a desabar 77% no dia 12 de janeiro. Com cobranças de credores, como bancos e fornecedores, a Americanas pede recuperação judicial no dia 19 de janeiro.

3 CEO atual diz que há provas de fraude e culpa ex-diretoria

Em depoimento à CPI da Americanas, o atual CEO da empresa, Leonardo Coelho, diz que houve fraude e responsabiliza a antiga diretoria da companhia. Ele citou números maquiados, planilhas secretas e documentos falsificados.

4 CPI tenta ouvir executivos que comandaram a empresa

Ao longo dos últimos meses, a CPI tentou ouvir antigos integrantes da diretoria que comandou a varejista por 20 anos, não compareceu e apresentou um atestado médico para justificar a ausência.

5 Ex-CEO diz em carta que virou bode expiatório e faz acusações

Em carta revelada pelo Valor, o ex-CEO Miguel Gutierrez diz à CPI que virou bode expiatório para proteção de figuras notórias e poderosas. E diz que o 3G participa ativamente da gestão de empresas em seu portfólio e controla suas finanças.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Página:** 15